

JOBIM, José Luís. *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro: J.L.L.S. 1999.

Dividido em cinco seções, *Literatura e identidades* se propõe a discutir a relação sugerida pelo título do livro em diferentes perspectivas que possibilitam um diálogo entre a compreensão de antigas teorias, a elaboração de outras novas e o entendimento originado destes novos enfoques.

A seção que abre o livro se dedica à problemática do estabelecimento de uma identidade nacional e seu reflexo na elaboração da história da literatura, uma vez que esta teve seu início junto com o nascimento da nação brasileira. A demora do surgimento dessa identidade nacional deveu-se a uma ausência de valores nossos, pois tanto a língua quanto a educação e os costumes eram “importados” da Europa. Ou seja, o Brasil carecia de valores e tradição realmente brasileiros, uma vez que a imposição da metrópole portuguesa foi a culpada pela ausência de um caráter nacional, pois se a literatura brasileira apresentava “cor local” não tinha uma história anterior a ela e por isso não possuía as particularidades necessárias para se estabelecer uma diferença entre a literatura brasileira e a portuguesa, limitando-se a imitar os moldes das literaturas européias.

Inicialmente, a historiografia da literatura brasileira foi elaborada por estrangeiros e era anexada a trabalhos de literatura portuguesa, sendo talvez os mais importantes, os escritos de Ferdinand Denis e Almeida Garret que elaboraram os pressupostos que deveriam ser seguidos para uma literatura verdadeiramente nacional. Para Garret:

... reconhecer seu ‘caráter nacional’, é preciso haver coincidência entre o lugar designado por esse tipo de adjetivo e o nativismo dos temas apresentados. Temas locais, pátrios costumes transferem-se para as obras, conferindo-lhes espírito próprio, cuja presença garante a nacionalidade da literatura.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> ZILBERMAN, Regina. “História da literatura e identidade nacional”. In JOBIM, 1999, p. 31.

No entanto, o termo “nacionalismo” acabou confundido com um fanatismo ingênuo e provinciano. Como exemplo, temos os casos de famílias que possuíam nomes legitimamente portugueses e que adotaram nomes indígenas aliados aos títulos de nobreza concedidos pelo Império, como é o caso do Visconde de Jequitinhonha.

Mais tarde, Antonio Candido, ao elaborar as bases da literatura brasileira, não se preocupou em fazer um levantamento dos valores nacionais, mas concentrou seu trabalho na formação de uma “*literatura propriamente dita*” ou seja, ele narra a história sem traçar uma “biografia da nação”.

Apoiadas nas idéias de Candido, Lajolo e Zilberman reconstróem a história cultural brasileira a partir das práticas de leituras.

Em suma, esta seção comenta as várias “Histórias da Literatura Brasileira” que variam desde a elaboração pouco conceitual de Joaquim Norberto, passando pelo didatismo dos estrangeiros Denis e Garret, atravessando os polêmicos Alencar e Machado até a nova proposta de Candido e uma nova elaboração historiográfica a partir da recepção das tradições por parte dos leitores de acordo com Lajolo e Zilberman.

A segunda seção, *A identidade da matriz e a matriz da identidade*, retoma a questão dos valores impostos por uma metrópole, repensando a literatura de países que foram colônias no passado, isto é, há uma reflexão sobre o “apagamento do outro” causado pelo processo de colonização tanto na América quanto na África. As ex-colônias tentam (re)encontrar sua identidade em um período anterior à chegada do colonizador, tentando legitimá-la. Com isso, há um choque entre os valores esquecidos pela colônia, causando um enfrentamento da ideologia pregada pelo colonizador, como evidencia o trecho abaixo:

Buscam-se outras matrizes, convocam-se outras memórias, seguem-se os passos dos contadores ancestrais. (...) Reconhecem, assim, no conforto de sua leitura, seu próprio lugar de fala, como se ouvisse de novo o convite prazeroso, *ngateletele*, que anuncia a festa e convoca a atenção e o silêncio.<sup>2</sup>

Vale mencionar que mesmo após um processo de descolonização a busca da identidade cede lugar ao pessimismo e falta de esperança.

<sup>2</sup> PADILHA, Laura Cavalcante. “No encontro de memórias e matrizes”. In: JOBIM, obra citada, p. 77.

embora o colonizador ter perdido seu poder e retornado ao seu local de origem.

A partir dos anos 20 e 30 do século XX a idéia de raça passa a ser considerada um elemento importante para a elaboração do conceito de identidade, valorizando desta forma o negro, possibilitando representações da cultura africana tanto nas artes plásticas quanto na literatura, através de um “discurso inverso”, ou seja, valoriza-se aquilo que era desprezado anteriormente.

No entanto, este projeto de construção de uma identidade pode ser comprometido se estiver preso às idéias muito rígidas de combate ao racismo, pois tal atitude induz o erro de se produzir um discurso vazio, ou melhor, previsível acarretando no isolamento de um grupo dos demais. Como exemplo temos os defensores das minorias (negros, mulheres, gays, etc...) que ao “erguer a voz” para defender as identidades destas exigem que se seja negro para se falar de negro, mulher para se falar de mulher e assim por diante.

O erro desta prática consiste em se falar apenas para um mesmo grupo, portanto, deve-se fugir das “elaborações binárias” que acabam por estabelecer apenas relações de oposição (exemplo: homem X mulher; negro X branco,...).

A partir daí, podemos concluir que se deve tomar cuidado para não cair num discurso panfletário, vazio, que acarreta numa segregação, uma vez que se restringe aos membros de um mesmo grupo, onde mais tarde, nem para estes, tal discurso faz sentido. A verdadeira literatura abrange o maior número possível de indivíduos e não apenas a determinados segmentos.

Em *Identidades plurais: estudos culturais e multiculturalismo*, a temática principal é a globalização e a necessidade de se estabelecer a identidade pessoal e a identidade coletiva, pois é preciso ter uma referência em meio a grande diversidade cultural de nossos dias. Entenda-se por identidade pessoal a narrativa, ou seja, ao se perguntar “*quem é você?*” a resposta será sempre uma narrativa, ou melhor, a sua estória. Ao se tentar estabelecer a identidade social é feita uma descrição, uma vez que neste caso o indivíduo se propõe a relatar sua função na sociedade (profissão, estado civil...).

A proposta de se viver sem identidades neste mundo globalizado seria retomar a utopia da sociedade comunista de abolir classes e fron-

teiras, mas que não adiantaria muito. Em seu ensaio, *Minimizar identidades*, Gumbrecht afirma que segundo Erwin Goffman não ter identidade nem social nem pessoal seria estar estigmatizado, pois sempre haverá elementos inaceitáveis em qualquer sociedade, mesmo que ainda exista intelectuais que defendam a idéia de que toda identidade deve ser aceita.

A literatura também é atingida por esse processo, pois surge a chamada *literatura emergente* que focaliza a exclusão e o encontro de diferentes culturas. Esta nova literatura pode ser caracterizada como uma união dos mitos da modernidade e elementos de uma pós-modernidade aliados à aceitação do relativismo. Para Lucia Helena o estudo desta literatura:

É um campo vasto, com posições múltiplas, discordantes e experimentais, que se situam criticamente em relação ao que chamam o esgotamento da alta literatura e à crise dos modelos tradicionais de teoria. Foram muitas as novas práticas trazidas pela pós-modernidade, e os Estudos Culturais para fazer face ao problema desenvolvem uma rede de conexões de metodologias interdisciplinares, e até antidisciplinares, nas quais antropologia e sociologia se destacam. Através de negociações complexas entre o marxismo e a semiótica, e articulando diversas tradições sociológicas e etnográficas, os Estudos Culturais retomam Gramsci, focalizam o racismo, a hegemonia, o Thatcherismo, o feminismo, a raça, a etnicidade e o pós-colonialismo, utilizando-se do abalo de fronteiras para produzir o melhor e o pior.<sup>3</sup>

Vale lembrar que o importante não é escrever sobre minorias, mas avaliar como isso será feito a partir da crise de valores da pós-modernidade.

Esses vários recortes e “metodologias interdisciplinares” promovem um questionamento da *identidade da leitura e a leitura da identidade*, tema da quarta seção. Há um consenso sobre a importância da leitura, uma vez que para a sociedade pós-moderna o analfabetismo significa improdutividade. Surge então um novo questionamento: se a leitura mantém uma relação de poder, ela também está relacionada à indústria que logo a tornará um produto de massa. Sendo assim, o que o leitor tem em mãos? Literatura “clássica” ou literatura de massa?

<sup>3</sup> LUCIA HELENA. “O equilíbrio estável dos fantasmas: espectros e identidades”. In: JOBIM, obra citada, p. 137.

Profissionais de várias áreas pesquisam o ato da leitura, mas definir o objeto de estudo ainda é muito difícil, pois muitas perguntas permanecem sem respostas devido à ausência de um referencial teórico. Os resultados de diferentes áreas de pesquisa promovem novas possibilidades de se repensar o conceito de escrita e leitura a partir da fragmentação e da mercantilização do modo de produção do conhecimento.

O termo “literatura” assume várias definições, dependendo do contexto em que ele é usado, desta maneira é pouco viável tentar formular uma definição/identidade absoluta deste termo. Segundo José Luís Jobim, literatura pode ter três identificações. A primeira seria “a literatura como fonte de moral, como exemplo de uso da língua; como exemplo de nacionalidade e como herança e convenção histórica”.<sup>4</sup>

Não é novidade saber que a literatura correspondeu no passado à memória de normas a serem seguidas. Mas atualmente, não há mais um padrão rígido de comportamento, graças ao relativismo dos novos tempos, mas ainda assim, a literatura mantém sua função de transmissora de valores morais. Como exemplo de uso da língua, deveria ser vista como uma variante do uso da linguagem, no entanto, há quem defenda a idéia de que gramática e literatura devam ser estudadas separadamente nas séries iniciais, visto que o aluno pode ficar intimidado ao imaginar que jamais terá a mesma habilidade do autor lido.

Por sua vez, ao ser considerada exemplo de nacionalidade a literatura enfrenta aqueles que consideram a idéia de nacionalismo como algo ultrapassado, preferindo a globalização, afirmando que o primeiro defende interesses ideológicos. Mas se pensarmos bem, o contrário também não se aplicaria? A mídia tornou o vocábulo “globalização” em palavra de uso corrente e conseqüentemente a esvaziou de seu verdadeiro sentido, as pessoas já a usam sem qualquer reflexão. Essa fantasia de “aldeia global” serve tanto para escamotear diferenças como para acentuá-las ainda mais.

Na última seção, o tema de *identidade e gênero* parte da definição de identidade civil tal como concebida pelo Estado (entenda-se carteira de identidade e outros mecanismos que este usa para reconhecer e estabelecer a identidade de um indivíduo), opondo-se a identidade individual e ao seu gênero.

<sup>4</sup> JOBIM, José Luís. “Os estudos literários e a identidade da literatura”. In: JOBIM, obra citada, p. 191.

O relato do caso do transexual Roberta Close, que apesar de uma cirurgia de mudança de sexo ainda está preso a uma identidade masculina (seus documentos ainda têm o nome de Luiz Roberto Gambine) traz a tona um novo estilo de fazer literatura: o testemunho. Esse gênero valoriza a identidade de determinados grupos que além de lutar por um reconhecimento, desejam também uma outra estrutura econômica e, sobretudo social. Melhor dizendo, não se fala pelo oprimido, ele mesmo tem a chance de falar e com isso produzir os enunciados que realmente lhe interessam, com o propósito de convencer a sociedade a aceitar as pessoas que não se adaptam aos papéis sociais que lhe foram impostos.

No entanto, estes relatos não são narrativas estereotipadas. Através de uma biografia tenta-se aliar estas narrativas aos discursos dos marginalizados a fim de escapar dos textos panfletários e dos seus riscos que já foram discutidos anteriormente.

De qualquer forma, a literatura está sempre a serviço para a construção de identidades, sejam elas nacionais, multiculturais, de leitura ou de gênero.